PROVINCIA DE TRAZ-OS-MONTES



Villa Real vista da ponte do Corgo, segundo um esboço do sr. Lopes Mendes

Villa Real eleva-se em amphitheatro sobre uma collina triangular, cujos dois lados são formados pelos rios Corgo e Cabril; e a base que a une ao bairro da Boa-vista apresenta um plano elevado, que se estende até á serra do Amezio.

Esta villa, capital da provincia de Traz-os-Montes, foi fundada por el-rei D. Diniz em 1289, em virtude da resolução tomada na cidade da Guarda, pelas cortes, em que tiveram assento, como procuradores da cidade de Panoias e seus territorios, Pedro Lourenço Portocarrero, o abbade de Santa Maria de Sanfins, e o abbade de S. Salvador de Monçós, Gil Constancio. Encerradas as ditas cortes, veiu D. Diniz examinar o sitio da nova villa, que, merecendo a sua approvação, lhe concedeu carta foral com doação amplissima, datada em Lisboa a 24 de fevereiro de 1321. Mandou edificar a egreja de S. Diniz, e cercar a villa de muros, que foram demolidos por ordem do conde de Amarante, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, cujos materiaes applicou á construcção do seu palacio situado na rua do Jazigo, em 1816.

O terreno de Villa Real fórma-se de uma collina de sensivel declive, que se eleva gradualmente do lado do norte, e vae declinando na direcção do cemiterio publico, construido na villa velha, que constitue a ponta do triangulo, entre os dois rios já mencionados, e acima do nivel d'estes talvez 300 metros.

O ponto culminante da villa, a partir do vertice do triangulo, é occupado pela egreja do Senhor Jesus do Calvario. É n'este sitio que se faz a feira annual, que principia no dia 13 de junho, e termina 8 ou 12 dias depois.

A situação de Villa Real é deliciosa e saudavel; os arredores mui ferteis, pittorescos e vistosos. O interior da villa causa admiração pelo cuidadoso aceio de seus largos e ruas. Alguns edificios publicos e particulares, collocados em diversos pontos da villa, são magnificos.

Contam-se na villa 12 edificios religiosos; sendo 2 conventos de freiras, e 2 de frades; um d'estes ultimos acha-se em ruinas por causa do incendio que padeceu no dia 21 de novembro de 1837; 8 egrejas

e grande numero de capellas; 1 lyceu, 1 asylo de infancia; 1 soberbo hospital, uma livraria publica; 1 theatro, 2 passeios publicos, differentes fabricas e officinas mechanicas.

O cemiterio publico, representado na gravura que vae a pag. 125, é uma obra magestosa. Começou a edificar-se no mez de novembro de 1841, e foi concluido em 1845.

As cordilheiras que rodeiam Villa Real, e que a assombram com suas massas gigantescas, imprimem em todo o aspecto da villa um caracter respeitavel e severo. De todos os pontos da villa se avistam os cumes de soberbas montanhas (das quaes as Rodas do Marão formam o ponto culminante), que no inverno suspendem grossas camadas de neve. As proximas collinas são a meudo cortadas por torrentes que se despenham em cascatas espumosas, apresentando um espectaculo digno da contemplação do artista, que procura objectos de estudo nas bellezas da natureza.

Numerosos regatos banham o territorio de Villa Real, que sendo alimentados pelas nascentes, correm rapidamente das alturas, seguindo todos a mesma direcção de norte para sul, a precipitar-se no rio Corgo.

Qualquer que seja a estrada que se tenha seguido para chegar a Villa Real, ou se entre pela famosa ponte de Parada ultimamente construida, pela de Almodena, e de Lordello, ou se desça a montanha occidental saindo do Marão, ou se atravesse pelo norte as bellas quintas de S. Mamede e de Montezellos, a capital de Traz-os-Montes apresenta-se aos olhos do viajante como a rainha das villas; mas nada eguala á belleza do ponto de vista que d'ella se goza, quando se desce pela estrada de Bragança até á ponte de Santa Margarida sobre o rio Corgo. O desenho que apresentâmos mostra este ultimo ponto de vista.

É Villa Real uma povoação importante; mas parece que a sua dignidade de capital da provincia de Traz-os-Montes se acha ameaçada pela crescente prosperidade do Peso da Regoa, situada a 15 kilometros de distancia para o sul, n'uma posição pittoresca, nas faldas de uma montanha toda cercada de vinhas e bellas casas de campo, na margem direita do rio Douro, importantissima pela riqueza e commercio dos vinhos denominados do Douro ou Porto.

Occupar-nos-hemos do Peso da Regoa quando publicarmos o desenho d'este magnifico paiz.

A. Lopes Mendes.

Villa Real tem por armas uma coroa de loiro, e dentro d'ella a palavra *Aléo*, que segundo a tradição se explica da seguinte maneira.

El-rei D. João I, depois de haver conquistado a cidade de Ceuta, cuidadoso de deixar n'ella por governador pessoa de tal valor que a conservasse e defendesse; tendo já recusado este governo alguns cavalleiros a quem se offerecêra, pelo grande risco que se considerava na sua defesa, pedira este governo D. Pedro de Menezes, que foi o primeiro conde de Villa Real.

Mandou-o el-rei chamar em occasião que elle com outros cavalleiros andava jogando a choca, que era jogar a bola fazendo-a saltar com uma vara grossa. Foi logo D. Pedro á presença do rei com o cajado ou vara com que estava jogando, que n'aquelle tempo se chamava *aléo*. E perguntando-lhe D. João I se se atrevia a defender dos moiros aquella praça, respondeu que com o *aléo* que tinha na mão a defenderia, como fez, obrando as proezas que refere a Chronica d'aquelle rei, e a d'elle D. Pedro de Menezes, escripta por Gomes Eanes de Azurara.

A generosa confiança com que este fidalgo respondeu a el-rei, e o glorioso desempenho com que defendeu a praça por muitos annos, em que nunca se desarmou, deu tanta e tão respeitosa estimação ao seu *aléo*, ou cajado, que se guardou para com elle, em logar de bastão, se dar posse aos governadores d'aquella praça; e a de Villa Real o tomou por insignia das suas armas, mettendo-o dentro na coroa de loiro, em memoria da que por suas façanhas mereceu o senhor titular d'esta villa.

Assim o refere o P. Antonio de Carvalho na sua *Chorographia*, pelo testimunho de auctores contemporaneos.

N'uma collecção de memorias de Villa Real, remettidas officialmente á Academia real de Historia, em 1721 (codice A $\frac{4}{33}$ da bibliotheca nacional de Lisboa), se lê a seguinte noticia, que serve para corroborar a opinião de que os nossos theatros antigos eram descobertos, como são hoje as praças de toiros.

RUA DA PRAÇA EM QUE SE REPRESENTAM AS COMEDIAS

«Pela parte de dentro dos arcos do terreiro do Tabolado, fica a rua da praça que faz rocio quadrado, aonde está o pelourinho feito com grandeza e primor da arte, onde se vende pão cozido, pescado, azeite, frutas e hortaliças, e assim mais, leitões, caças, queijos, frutas sêccas, doces, e outras coisas comestiveis, cuja vendagem se estende por toda esta circunferencia até ao arco do Duque e rua da Ferraria, e a fazem regateiras obrigadas na camara cada uma a seu genero; e de tudo está sempre tão abundante e mimosa, que no seu tanto pouco differe da fertilidade que se vê na ribeira da corte e cidade de Lisboa occidental.

Na quadratura d'esta rua da praça se representam as comedias, logar mui accommodado para o dito effeito, por todo ser cercado de casas de dois andares, com muitas janellas onde se accommoda o sexo feminino, e tem ambito para palanques aonde se accommoda o masculino; e por mais gente que concorra das terras do reino quando ha festejos publicos, por bem cercado todos vêem e todos ouvem.»

CAMINHO PARA O CÉO

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

I

No formoso e opulento condado de Cork, na Irlanda, encontra-se, deixando as margens pittorescas do Lee para entrar pela terra dentro, uma aldeiasita, chamada Doniberg, perdida como um ninho de passaros, no meio dos bosques, os quaes cercando-a toda, a defendem e separam dos tumultos e disturbios que por tantas vezes tem agitado todos os restantes sitios d'aquelle paiz.

E aqui temos nós, de férula em punho, n'uma das casas da freguezia de Doniberg, um velho mestre-eschola denominado Henrique Paddly. O seu retrato é o seguinte.

Alto, delgado, curvo, fronte larga, craneo completamente calvo até ao occiput. Duas madeixas compridas de cabello branco amarellado existem apenas, reservadas para lhe ornar as fontes; mas a do lado direito fluctua obstinadamente na parte posterior da cabeça, como a aza de um passarinho ferido mortalmente com um tiro. Os olhos, encovados e meditativos, tem umas sobrancelhas ruivas, espessas, semeadas de cabellos brancos pela parte de cima. Nas feições todas da sua physionomia comprida e descarnada, notavam-se os sulcos de trabalho demorado e soffrido. A pouca ordem e a falta de aceio no vestuario, davam logo a conhecer, em qualquer parte do mundo, um avarento ou um sabio.

Effectivamente Paddly havia pouco fizera-se avarento, desde que tendia para homem de estudo; pelo que qualquer das duas razões poderia originar o desleixo do seu traje.

Era uma intelligencia profunda, e homem de muito saber, por isso tambem a sua eschola era a mais frequentada n'aquellas cincoenta milhas em redor. Esta reputação, bem pouco commum nos sitios, era bem merecida a todos os respeitos. Os bons camponezes de Doniberg e das visinhanças consideravam o mestre-eschola como um oraculo. Se lhes dizia, n'umas taes linguas de que elles não entendiam nada, umas coisas que pareciam ser tão profundas! Era razão bastante para o terem na maior conta.

Henrique Paddly nascêra de parentes pobres, pertencêra, na sua infancia, áquella classe de estudantes conhecidos na Irlanda pela designação de alumnos ambulantes, que são uma especie de vagabundositos, que andam de eschola em eschola mendigando o ensino, até encontrarem tecto caridoso que lhes dê conjunctamente o pão do espirito e o pão do corpo.

Henrique Paddly fôra generosamente favorecido pela fortuna, tanto n'uma coisa como n'outra, de sorte que, depois d'alguns annos de estudo, conseguira levar de vencida todos os premios n'um collegio notavel. Os obstaculos que vencêra, as luctas que sustentára contra a miseria, a superioridade que a sua consciencia lhe dizia ter adquirido no estudo profundo das linguas antigas, haviam-lhe inspirado uma confiança enorme no seu proprio merecimento, e um reconhecimento sem limites aos beneficios que recebêra, e aos quaes devia o que era. Para elle, fóra do latim e do grego, não havia salvação possivel; declarava formalmente, que não era digno do nome de homem, quem não aprendêra nem sabia pelo menos uma d'estas linguas. Professava desprezo soberano pelos seus discipulos que se contentavam com o estudo do inglez, da escripta e da arithmetica. Para elle, um estudante qualquer, não era coisa em que merecesse a pena fallar-se em quanto não estava no caso de traduzir Virgilio: porém quando estudavam Homero ganhavam-lhe logo grande parte do coração. Um *virgilista* fazia-lhe brilhar os olhos de alegria; mas com um *homerista* isso sim, isso é que era sentir enthusiasmo.

Esta phase do caracter do mestre-eschola era bem conhecida, e por isso fôra coisa de espanto ter-se resolvido a casar com miss Maria Parker, que não podéra ou não quizera aprender nunca todas as letras do alphabeto. Paddly, porém, sentira por Maria uma paixão similhante á que experimentava por Virgilio e por Homero. Procurára pois firmar-se na simplicidade de sua mulher, para demonstrar quanto a mulher nos é inferior intellectualmente, e quanto são vãos os esforços que se pretendem fazer para a elevar até á altura do nosso sexo. Maria porém ressarcia bem, com muitas qualidades boas, razão solida, sentimentos de justiça e delicadissimas inspirações de coração, quanto lhe faltava pelo lado da sciencia.

Paddly, desde que se estabelecêra em Doniberg, mostrára caridade sem egual para com os alumnos ambulantes, que viviam como elle vivêra. A sua eschola era o refugio de todos os estudantes pobres, que recebiam gratuitamente o ensino do professor, e ao mesmo tempo a ternura e os infinitos cuidados com que Maria os tratava.

Esta generosidade, que não se parecia nada com um calculo, aproveitára-lhe tanto como se o fosse. A reputação de Henrique Paddly augmentára sucessivamente, de maneira que em todo o condado, salvo os sempre sabidos casos de ingratidão, se levantavam quasi tantas bençãos após o nome de Henrique, quantos eram os discipulos pobres que em casa d'elle encontravam hospitalidade e ensino.

E como todas as coisas n'este mundo vem a ter sempre um lado proveitoso, aconteceu que os fazendeiros endinheirados da visinhança, e mesmo os de mais longe, mandando seus filhos á eschola de mestre Paddly, remuneravam opulentamente a educação classica e os accessorios. E em consequencia d'isto, a balança que por tanto tempo pendêra para o lado da pobreza, cambou rapidamente abaixando o prato onde se encontrava a abastança.

Paddly achava-se pois desfructando uma fortuna que não se atrevêra nunca a sonhar sequer.

II

Mais de uma vez se tem observado como se modifica o coração humano na transição lenta da pobreza para a opulencia, em quanto que se conserva intacto, com todos os seus vicios e virtudes, se foi repentinamente, e de um pulo, que passou da miseria extrema para a riqueza extraordinaria. No primeiro caso imagina-se que um excesso de virtude não nos deixa chegar á prosperidade, de maneira que ao passo que esta se vae aproximando, vae-se a gente dispondo, cada vez mais, para acabar com os seus melhores instinctos. Outras vezes as dores da pobreza amarguram a alma e tornam-n'a doente; então a progressiva felicidade é um balsamo que acalma gradualmente o estado irritativo das feridas do coração. A opulencia repentina, pelo contrario, não dá tempo ao coração para se modificar; armado subitamente com esta poderosa alavanca, serve-se d'ella com todos os instinctos bons ou maus de que a natureza o proveu.

Tal era a situação em que se achava Paddly; tendo-lhe chegado a prosperidade lentamente, creára uma especie de religioso culto pelo dinheiro que tanto lhe custára a juntar. Tendo assim alcançado a riqueza, aconteceu-lhe que perdêra o que quer que fôra do seu antigo coração. Ao mesmo tempo que as coroas, os schillings e os guinéos se lhe iam amontoando na algibeira, a sua profissão ia perdendo aos seus proprios olhos o prestigio que lhe encontrára. Começava a considerar o ensino exclusivamente como um meio de ganhar dinheiro. Tinha perdido toda a consideração adquirida; e, coisa horrivel, chegou a lamentar as suas generosidades antigas, ás quaes devia a reputação de que tirava tanto proveito. Paddly era ingrato mesmo para com a virtude e a felicidade. Mostrava-se gracioso e affavel unicamente com os seus discipulos ricos, e tratava mal os outros, principalmente o que melhor lhe traduzia Homero, e que era um dos mais pobres da eschola.

Este sentimento, a principio ainda fraco, fôra pouco a pouco crescendo a tal ponto, que por fim já perguntava de si para si:

«Para que hei de eu continuar a fazer bem a tanta gente? Para que hei de mostrar-me tão generoso com os que me não rendem coisa alguma?»

Não confiára ainda este pensamento a pessoa alguma, mas tantas vezes o repetira comsigo, que quasi lhe creára raizes no coração, e por fim já se lhe arreigára de todo. Não podia já libertar-se do seu imperio.

Uma noite, entrando na cozinha, viu sua esposa occupada no preparo de uma tisana, que elle bem sabia que era destinada para o seu *homerista*, doente bastante havia alguns dias. Depois de ter sacudido a cinza do cachimbo, e de ter fechado com mau humor o seu fiel Homero, que trazia na mão:

— Maria, disse-lhe, pois tu pódes conservar-te ainda diante da chaminé, agora que o dia terminou já, e que a natureza está convidando a descançar?

— Está aqui, está prompto, meu amigo, respondeu-lhe a boa mulher, e d'ahi é para o pobre do Abel, que anda tão doente.

— Por que não acabas com isso? Não sei para que has de estar a ferver leite com assucar, e não sei com quantas coisas mais, para uma creatura que nos não rende coisa alguma.

— Não nos rende nada! — repetiu Maria estupefacta e tirando a cafeteira do lume — não nos rende nada!... Mas então não me ouviste dizer que era para o Abel, o *hellenista* como tu lhe chamas, o teu discipulo favorito, aquelle por amor do qual andou a velha da avó dez milhas n'um dia para assistir á distribuição dos premios, e ouvir-lhe o nome em primeiro logar? Dizia ella, coitada, que morria contente, e realmente não tardou Deus em chamal-a para si.

— Bem ouvi que era para o Abel; mas sabes que mais, nós não estamos velhos, mas já passámos o meio dia da vida; não devemos sacrificar-nos assim pelos outros.

— Henrique! — exclamou Maria em tom de censura severa.

— É como te digo, Maria, tanto que estou resolvido a não tomar conta nunca mais de estudantes pobres.

— Oh! Henrique! — murmurou a excellente mulher, não digas essas coisas. Ainda não entrou pela porta de nossa casa um estudante pobre, que não parecesse entrar em sua companhia o que quer que fosse do ceo. Nunca nos fez falta o bocado de pão que lhe dou. Palpita-me o coração quando sinto os seus brandos passos, soando timidos no pateo, e parece-me que até a porta se abre por si para lhe franquear entrada.

— Tudo isso é muito bom e muito bonito, tornou-lhe Paddly com um modo sêcco e decidido, mas já vae sendo tempo de cuidarmos em nós.

Maria não lhe respondeu; tapou o bule onde deitára a tisana, e em seguida, chamando um rapazinho que atravessava o pateo da eschola:

— Leva isto ao Abel, e recommenda-lhe bem que o tome depois de rezar.

E logo sentando-se defronte de seu marido, com as mãos nos joelhos:

— Sempre cuidei, Henrique, continuou, que Abel era um dos teus privilegiados, e que o estimavas muito pelo quanto honrava a tua eschola.

— Póde ser, mas não paga!

— Que modo de fallar tão extraordinario é esse teu, Henrique! Tenho-te visto sempre tão ufano e tão commovido com as bençãos que nos proporcionam os cuidados com que tratâmos essas pobres crianças! E a ti, que te custa a instrucção que lhe dás! A sciencia que derramas por essas crianças, é como o mel que a abelha deposita na colmêa. Não é avarenta, colhem-n'o, e ella recomeça o trabalho, sem lhe importar quantas pessoas se aproveitaram do seu inesgotavel thesoiro. A tua sciencia, Henrique, é como o thesoiro da abelha.

— Estás louca, Maria, murmurou Paddly sorrindo-se.

O velho mestre-eschola era homem, e, como os homens todos, muito sensivel á lisonja, embora provinda da propria esposa.

— Dá, dá alguma sciencia de tanta que possues aos que d'ella necessitam. Faze-lhes bem, e não te prejudicas em coisa alguma.

O professor não respondeu. Era evidente que estava sentindo uma especie de arranco de consciencia, e um tal ou qual remorso. Maria percebeu-o, e como era mulher franca e de grande energia de sentimento, aproveitou este abalo para proseguir no seu empenho.

— E affligem-me tanto mais essas tuas crueis palavras, meu Henrique, quando me estava preparando para te fazer uma proposta.

— Uma proposta?!

— Tinha-te proporcionado para descançares das fadigas do dia uma boa acção para pôr em pratica. Contava para isso com a tua generosidade do costume.

Paddly fez um gesto de impaciencia.

— Esta tarde, continuou Maria, apresentou-se ahi um rapazito, que por uma coincidencia singular, parece o teu retrato quando eras criança, conforme m'o tens dito. Tem os cabellos ruivos, como tinhas tambem, signal de felicidade e de intelligencia, conforme me tens affiançado tanta vez dizerem-n'o os livros antigos.

— E de feito, affirmou Henrique, os antigos tinham essa côr em elevadissimo conceito. Posso citar-te a este respeito...

— Basta que tu o affirmes, atalhou Maria. De mais a mais a tal criança tem, como tu, uma protuberancia no osso frontal por cima do olho esquerdo. O que quer dizer, segundo o teu modo de julgar, uma aptidão excessiva.

— E é exacto: mas quem é essa tal criança?

— Uma pobre creaturinha sem pae nem mãe. Trazia um pacotesinho de livros debaixo do braço, e uma trouxinha de roupa branca para vestir aos domingos. Fez-me lembrar o tempo em que foste um pobre estudante sem poisada tambem, como elle, e carecendo de muita coisa...

— E a elle o que lhe falta?

— Seis mezes de lições tuas, unicamente, para ficar um homem.

— E dinheiro para pagar?

— Deves suppôr que não lhe perguntei.

— Pois que venha.

III

Maria saíu para tornar a entrar ao cabo de alguns minutos, trazendo pela mão um rapazito de estatura franzina e delicada, dando bem a conhecer que tinha emmagrecido á força de necessidade, e apresentando-se com os olhos timidamente fitos no chão. Posto que a mulher do professor lhe tivesse dito que se sentasse, conservava-se de pé virando e revirando nas mãos um livro em latim, no qual esperava ser interrogado.

— Como te chamas, perguntou-lhe Henrique seccamente?

O rapaz disse que se chamava Eduardo Moore, e acrescentou com voz trémula:

— O senhor quererá ter a bondade de me dar algumas lições e de me deixar concorrer á sua aula?

— Tens com que pagar?

— Tenho bem pouco. Somos seis irmãos, meu pae está no ceo, e minha irmã mais nova está doente; se não fosse o soccorro de alguns visinhos, e sobre tudo o auxilio de Deus, que nos não desamparou nunca, ver-nos-hiamos obrigados a pedir esmola por essas estradas fóra.

— E eu que tenho com isso? — perguntou-lhe o mestre desabridamente?

— Bem sei que não tem coisa alguma. — Respondeu-lhe a criança com timidez; mas se vim ter com o senhor, foi por ter ouvido dizer mil bens a seu respeito. Tenho de meu vinte e tres schillings, pouco mais ou menos, cinco dos quaes me deu o prior, recommendando-me muito que os guardasse para alguma doença. Se o senhor quizer receber dez d'estes vinte e tres schillings por um trimestre, elles aqui estão. Bem sei que é pagar muito barato o favor de receber as suas lições; mas tambem me parece que já estou alguma coisa adiantado, e que em latim, disse-me o prior, não lhe havia de fazer vergonha, se me quizesse examinar.

— Deixa-me lá ver quanto tens, disse o professor.

O rapazinho tirou da algibeira um lenço, do qual desatou uma ponta, e apresentou o que n'ella se continha ao mestre, cuja mão estava já estendida. Maria collocou-se entre seu marido e a tentação.

— Torna a guardar o teu dinheiro, pequeno, o se-

nhor professor não precisa, queria ver se fallavas verdade.

E inclinando-se para seu esposo, disse-lhe com voz altiva e severa:

— Retira a mão, Henrique; é o diabo que te está tentando a tomar esses dez schillings de um pobre filho de viuva. Na verdade estou a desconhecer-te!

E em seguida voltando-se para o rapaz:

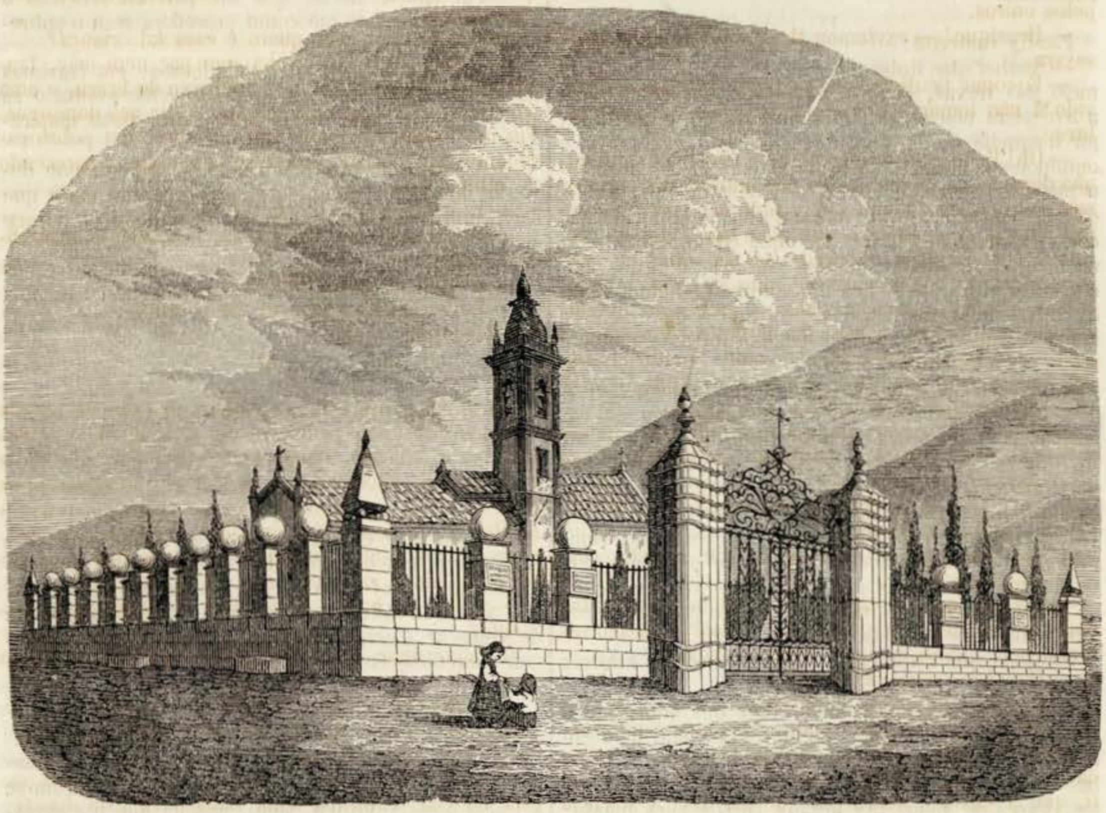
— Guarda o teu dinheiro, Eduardo, e ámanhã já pódes vir á aula.

Mas os schillings tinham dado na vista do professor desafiando-lhe a avareza. Levantou-se repentinamente, e, desviando com força sua mulher, declarou terminantemente, que queria tudo ou nada, e que estava de todo resolvido a não acceitar mais estudantes de graça. O rapazinho, sem murmurar, apresentou-lhe o lenço e quanto n'elle se continha, acrescentando unicamente:

— Deus me dê um amigo que me conceda abrigo e pão! E foi chorar para um canto do pateo.

Quando a criança saíu, Maria, trémula de commoção, deixou-se caír n'uma cadeira, e velou com as mãos o rosto banhado de lagrimas e de vergonha.

Paddly, esse encaminhára-se friamente para um pe-



Cemiterio de Villa Real de Traz-os-Montes, segundo um esboço do sr. Lopes Mendes — Vid. pag. 122

queno armario cavado na parede, que abrira, guardando n'um sacco de coiro, já bastantemente volumoso, os vinte e tres schillings do rapazinho.

Apesar do sangue frio e apparente indifferença com que praticára uma acção tão feia, como era a primeira vez que contrariava o seu caracter, Paddly experimentou uma especie de vergonha. Para evitar os olhares irritados de sua esposa, voltou-lhe as costas e fingiu que lia: mas por mais esforços que fizesse, transportavam-n'o as suas recordações aos tempos em que era um pobre estudante, e nada havia tambem que lhe podesse tirar de diante da vista a imagem da pobre criança que tão barbaramente espoliára. Pareceu-lhe finalmente que encontrava allivio para as inquietações da sua consciencia, e desculpa para com sua mulher, dizendo-lhe:

— Bem vês, Maria, que não ha um estudante só, d'estes que se dizem pobres, que não tenha o dobro ou o triplo do que pretende ter.

Maria volveu-lhe um olhar cheio de compaixão e respondeu-lhe apenas com estas simples palavras:

— Tambem te contas no numero d'esses taes estudantes?

Paddly ferido no ponto fraco, levantou-se deitando a cadeira ao chão, deu um pontapé no gato, que se lhe estava roçando pelas pernas, fechou estrondosamente a porta, e foi metter-se no seu quarto. Não adormeceu tão depressa nem conseguiu socegar. Mexeu-se tanto na cama, que Maria, que estava ajoelhada á cabeceira, redobrou o fervor de suas orações, suppondo seu marido realmente possuido do demonio. Demorou-se sempre a rezar o resto da noite, depois de seu marido adormecer. Só ao cantar do gallo e ao romper da alva é que se levantou para ir tratar do arranjo da casa.

Quando Henrique tornou a abrir os olhos sentou-se na cama, chamando sua mulher.

— Maria, disse com uma voz commovida, Maria...

— O que é, meu amigo?

— Dá-me a tua mão depressa, e falla-me para me certificares da tua presença.

— Jesus, que tens? — perguntou Maria estendendo-lhe a mão e olhando para elle assustada.

— Maria, disse-lhe Paddly, sou um miseravel, e toda a sciencia que possuo não me póde purificar da negregada acção que pratiquei.

Maria pareceu estupefacta de o ouvir fallar assim.

— Estou socegado, e no pleno uso de razão, minha querida mulher; aqui tens a chave d'aquelle armario, vae lá buscar o dinheiro d'aquelle pobre rapazito. Leva-lh'o, e dize-lhe que não quero receber nem um schillings sequer pela sua educação; e se pódes vae dar uma volta pela aldeia, e dize que quero receber quantos rapazes pobres me couberem na aula. Tive um sonho que te vou contar, Maria, foi um aviso do ceo. Agradece a todos os santos do paraiso, Maria, e escuta-me sem me interromper.

— Falla, disse a excellente esposa cada vez mais admirada.

IV

Paddly começou:

— Sonhei que tinha morrido. Via-me fluctuando no meio das trevas, como o navio voga na agua, como a ave páira nos ares. Tinha muito medo, e queria fugir d'aquelle chaos. Uma força invisivel, indefinivel e omnipotente me retinha. Quiz arremeçar-me mas não o pude conseguir, e vi em roda de mim uma multidão de coisas que vagavam no espaço. Uma d'estas coisas sem nome passou por cima da minha cabeça, com ruido similhante ao das azas d'alguma ave nocturna muito grande. Era um volume de Homero com as folhas meio abertas. Tive esperanças de me elevar ajudando-me com elle, mas quando fui a deitar-lhe a mão desfez-se em fumo.

Appareceu-me então um phantasma branco, com os olhos flammeantes, como tocheiros no meio da escuridão; um dos olhos era um volume de Virgilio, o outro um volume de Horacio. Chisparam-me centelhas na passagem, e o phantasma depois de ter feito uma careta horrivel desappareceu no espaço sem deixar vestigios alguns após si. O tempo era comprido, comprido como a eternidade em que me parecia viver. Coisa extraordinaria! Os objectos todos que via á roda de mim, fallavam latim detestavel, e grego que me atormentava os ouvidos.

Imaginei que tinha caído no purgatorio dos mestres de eschola.

A visão mudou de repente. Dois mil annos, pelo menos, tinham decorrido. Senti-me cercado todo em roda de um nevoeiro cujos vapores transparentes e ligeiros não me incommodavam em nada os movimentos, livres de todo. Dei alguns passos para diante; separou-se o nevoeiro como uma cortina que se corresse, e vi diante de mim uma elevada montanha de fogo. Subi até ao ápice, e vi acima de mim ainda o foco de luz mais deslumbrante que porventura póde fascinar a vista do homem.

Uma voz vibrante e doce murmurou aos meus ouvidos que era o ceo. Caí de joelhos e perguntei como seria para lá chegar; porque entre mim e o ceo estava aberta uma voragem profunda, sem passagem alguma que lhe communicasse as margens oppostas. Diante de mim appareceu de repente a multidão de alumnos pobres que tenho educado, e que d'aqui tem saído para tomarem destinos superiores. Abel vinha á frente.

— «Mestre, disseram-me em côro, o unico meio de chegardes ao cume da elevada montanha é servindo-vos de nós, como de degraus.

— Que dizem? — lhes perguntei.

— Somos, proseguiram elles, a escada que vos ha de dar entrada n'essa bemaventurada habitação. Toda a sciencia de que tanto orgulho tendes, a vossa algebra, as vossas mathematicas, o vosso latim, o vosso grego, o vosso hebreu até, não servem de nada. A sciencia humana toda não vale uma acção boa. Nós somos a prova da vossa caridade. Nós, pobres crianças, que vos devemos a instrucção, podêmos transportar-vos ás alturas, e tornar-vos feliz para todo o sempre.

Entrei a trepar apoiando-me nos hombros dos meus discipulos até chegar ao que estava mais em cima. Vi então, que me faltavam cinco ou seis alturas d'elles para chegar ao limite da minha ascensão. Tentei dar um pulo, porém o Abel susteve-me.

— Grande Deus! meus filhos! clamei eu, para que me trouxeram até meio caminho?

— «Parece, mestre, que falta ainda alguma coisa para chegardes lá acima. Praticastes de certo alguma acção má. Talvez que repellindo algum discipulo pobre, diminuisseis o numero de degraus que vos eram necessarios para alcançardes o cimo da montanha.»

— Foi então, Maria, que me pareceu rebentar o coração, lembrando-me como procedêra com o pobresinho do Eduardo Moore...

Maria caíu de joelhos, e debulhou-se em lagrimas de jubilo, agradecendo a Deus haver-lhe escutado as supplicas, enviando a seu marido esta visão inspiradora.

— Agora, concluiu Paddly, conheço bem, que devemos aproveitar a nossa vida, por muito curta que seja, praticando boas obras.. Bemdito seja o meu sonho.

Meia hora depois, Eduardo Moore, já de posse dos seus vinte e tres schillings, tomava logar na eschola de Henrique Paddly.

ETYMOLOGIA DOS CANICULARES

Abre o celeste cão as sêccas fauces,
E, abrasado, tal halito respira,
Que quer fazer da terra ardente pyra.

CANDIDO LUSITANO.

É ainda hoje crença popular que os quarenta dias caniculares, que decorrem de 22 de julho a 31 de agosto, em que o sol entra no signo de *Leo* e da *Virgem*, tem sinistras influencias, e por isso muitos se abstem de começar n'esta quadra os banhos do mar, de tomar remedios, etc. Esta superstição veiu-nos dos pagãos, e é preciso acabar com ella.

Vejam-lhe a origem.

Diz a fabula que Icario, tendo embebedado uns camponezes dos arrabaldes de Athenas, que não conheciam o vinho, suppondo-se envenenados lançaram-se a Icario e mataram-n'o. Mera, cadella que o acompanhava, veiu a casa buscar Erigone, filha de Icario, para lhe mostrar o sitio onde o tinham sepultado. Erigone, desesperada com o assassino do pae, enforcou-se n'uma arvore. Jupiter, para lhe recompensar o amor filial, transformou-a no signo que chamâmos da Virgem, e á cadella metamorphoseou-a na constellação do Cão, ou Canicula, nome da mais bella estrella fixa do firmamento que apparece no horisonte durante os referidos dias.

Os poetas inventaram que lá mesmo do firmamento estava esta cadella latindo más novas.

Ovidio conta nos *Fastos* o sacrificio que se fazia á deusa Robigine para preservar as searas da influencia maligna do cão celeste:

Leiâmol-o na primorosa traducção do sr. A. F. de Castilho, que não ha mais a desejar.

O cão já nasce.
Como eu voltasse de Nomento a Roma
em dia tal, no meio caminho
tópo uma turba candida; era o flamen
que se ia d'essa gente acompanhado
ao luco da Robigine vetusta,
para lançar, conforme o rito, ás chammas
as entranhas de um cão e as de uma ovelha.

Deu-me curiosidade a ceremonia;
acerco-me ao teu flamen, ó Quirino,
oiço dizer assim:
«Aspera deusa,
ó Robigine, poupa a cereaes hervas;
deixa que á flor das leivas a abundancia
ria nas lisas plumulas do trigo;
dá que os pães, co'o favor do ceo creados,
medrem até que a ceifa os leve opimos.

Grande é teu poderio; o seareiro,
vendo por ti os seus trigos marcados,
logo os chora perdidos. Ventos, chuvas,
marmoreos gelos que requeimam Ceres,
nada lhe é peste, como quando os colmos
repletos de agua vem o sol cozêl-os.
Então é que é tremer os teus rigores!

Tuas mãos escabrosas, deusa, afasta
das messes nossas; não lhes faças damno;
poder fazer-lh'o á tua gloria baste.

Ferrugem que ao teu halito negreja,
se ha de infestar paveias delicadas,
que ataque o duro ferro: espadas, lanças
se as destroes, graças mil te deve o mundo.

Reine, floresça a paz: brilhem co'o uso
sacho, arado, enxadões, do campo alfaias:
quanto ás de Marte, o mugre que as devore.
Quando alguem tente desvestir a espada,
da emperrada bainha em balde a puxe.

Robigine! respeita a mãe das messes;
que sempre, bemdizendo a ausencia tua,
votos ao nume renda o colono.»

Dissera. Estava á dextra uma toalha
franjada, vinea taça, e uma naveta
de resinoso incenso: incenso e vinho
lança-os ao lume; logo após lhe atira
as entranhas da ovelha, e (vi-o eu mesmo)
torpe deventre de cadella impura.
— Tão insolita rez como se explica?
purguntaes vós; egual pergunta ao flamen
fiz eu, e eis a resposta que me ha dado:

«Ha lá nos ceos um cão (Icario o chamam);
Constellação que entrando em movimento
encalma terras, as searas tisna;
em memoria d'esse astro sitibundo,
se immola este animal, que outro delicto
não tem para ser morto afóra o nome.»

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

IV

FESTA DOS BUGIOS A SANTO ANTONIO EM VALLONGO [1]

Nos seculos passados, segundo a tradição dos antigos, havia n'esta villa, além dos padeiros e telheiros, que ainda hoje é o seu principal commercio, negociantes que giravam para o Alemtejo. Houve um anno em que uma epidemia se manifestou nos gados, cuja mortalidade poz os habitantes n'uma profunda consternação. No auge da sua angustia recorreram a Deus, por intervenção de santo Antonio, para que lhes aplacasse similhante flagello, o que conseguiram.

Querendo agradecer tal beneficio, juntaram-se vinte e quatro dos mais influentes, e formaram uma dança com o nome de *Bugiada;* d'entre estes ficava um juiz, o qual pedia e fazia a festa, conservando-se ainda hoje o direito dos *bugios* o nomearem. E tanto que havendo um juiz que nomeou o successor como é costume nas outras funcções, os *bugios* chamaram-n'o a juizo, e obtiveram sentença a seu favor, pela antiquissima posse em que estavam de serem elles os que nomeavam. Por isso quando algum juiz não acceita, os *bugios* tomam conta do santo, fazem a festa, e tornam a nomear juiz.

Esta nomeação é feita da fórma seguinte.

No domingo da funcção (que é o segundo de julho, por ser a epocha em que se reuniam os que tinham ido á feira de S. João a Evora), logo ao nascer do sol, juntam-se os *bugios* em casa do juiz. O *bugio velho* conferencia com elle, e depois pega em um copo de vinho que está em cima d'uma mesa, e diz aos outros *bugios:*

— Algum dos mascaras quer ser juiz de santo Antonio?

Respondem estes:

— Não.

Então diz elle:

— Lá vae á saude de Fulano.

E logo os *bugios* correm a casa do nomeado, ou aonde elle de acha; o qual se prepara com a familia, e no meio dos *bugios*, precedidos de musica regimental, se dirige a casa do juiz que os espera, e lhes serve um almoço, assim como á musica, e a todos os *bugios*, no fim do qual é levado a casa com o mesmo apparato. Ás onze horas vem o juiz novo, a casa do juiz velho, aonde se reunem os convidados e parentes, e precedidos da musica e dos *bugios* se dirigem para a egreja, aonde se celebra uma funcção com toda a solemnidade, riqueza, e aceio que em taes actos póde haver, para o que nada se poupa, e só dentro do templo se gastam mais de cem mil réis.

Acabada a festa, se dirigem da mesma fórma a casa do juiz, que dá a toda a comitiva um esplendido e lauto jantar, havendo á noite fogo do ar e preso, com a competente musica a acompanhar.

Na quarta feira seguinte faz o juiz novo uma missa ao santo, e a tarde é consagrada a divertimentos publicos que a mocidade espontaneamente faz, havendo á noite a entrega do santo, que é da fórma seguinte.

O juiz velho com alguns parentes e amigos fardados, com todos os *bugios*, escoltam a juiza, que é a mulher do juiz, a qual leva o santo no braço encostado a uma rica toalha, a quem acompanham vinte a trinta donzellas com castiçaes de prata na mão e velas accesas, vestidas com todo o luxo, e seguidas da competente musica se dirigem a casa do novo juiz, o qual os espera tambem com apparato; e depois da nova juiza receber o santo, é toda a comitiva brindada com doce, biscoito e vinho, findo o que é o juiz velho conduzido a casa na mesma ordem com que saiu, e finda assim a funcção, até ao dia 13 de junho do anno seguinte, em que o juiz faz uma missa ao santo, na vespera de S. Pedro, saindo um bando, que consiste n'um tambor e meia duzia de homens a cavallo fardados, levando criados com archotes na mão, e um d'elles, quando param em certos logares, lê uma descripção exaggerada da festa, em verso.

No primeiro domingo de julho faz o juiz o peditorio, levando em sua companhia os parentes, amigos e conhecidos, que para isso convida no domingo antecedente, o que geralmente monta a cem pessoas, e mais, as quaes almoçam em casa do juiz antes de sair, e no fim do peditorio jantam com toda a abun-

[1] De Vallongo nos remetteu o sr. Seara esta noticia da curiosa e singularissima festa que n'aquella villa se faz a santo Antonio, cuja veracidade nos afiança.

Agradecemos-lhe muito este brinde, que vem enriquecer o nosso peculio dos costumes populares do Minho.

Com reconhecimento acceitaremos todas as narrativas e antigualhas d'este genero.

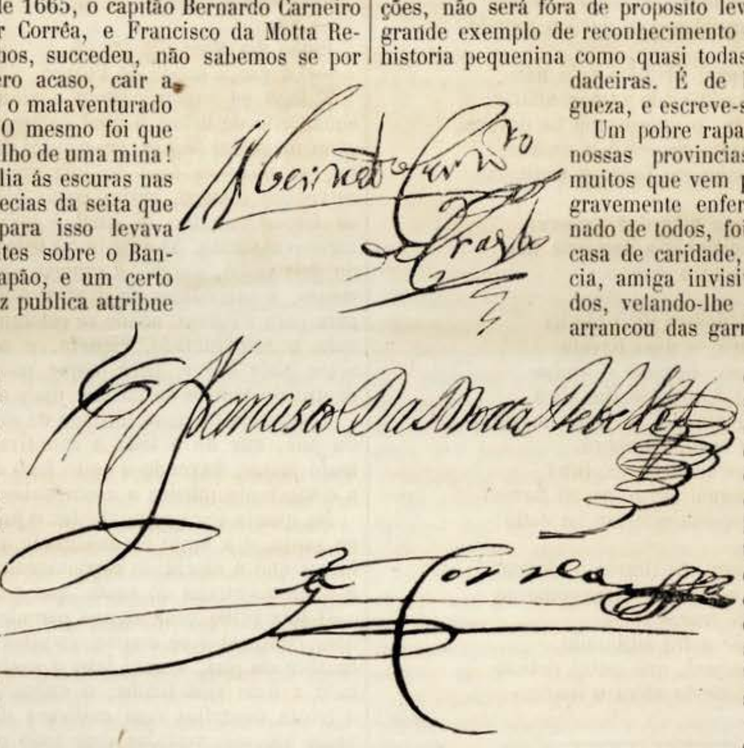
dancia, sopa, cozido, assado, arroz, anhos, frangos, laranjas, o competente pão e vinho. No fim do jantar vem a juiza com a bacia, e uma filha com o santo, a quem os convidados dão á primeira 500 réis e á segunda 200, regra geral, isto fóra o peditorio da rua.

Na vespera da festa, sabbado á noite, ha as cavalhadas, que vem a ser os parentes e amigos do juiz que vem juntar-se em casa d'elle, todos fardados e vestidos de reis, montados em bons cavallos, cobertos de redes brancas. Com o juiz vestido de general á sua frente, vão passear as ruas, precedidos de musica e de muitas figuras emblematicas, exoticas e chistosas, tudo isto allumiado pelos archotes que os seus moços levam accesos, fornecidos pelo juiz a quem acompanham outra vez a casa.

Além do fogo preso, que regula de 12 a 20 moedas, o fogo do ar que se gasta em toda a funcção regula por cento e tantas duzias.

APOSTA SINGULAR

Achando-se em casa de Dyonisio de Carvalho, de Myragaia, da cidade do Porto, no dia 5 de abril do anno do Senhor de 1665, o capitão Bernardo Carneiro de Castro, Gaspar Corrêa, e Francisco da Motta Rebello, todos visinhos, succedeu, não sabemos se por ácinte se por mero acaso, cair a conversação sobre o malaventurado rei D. Sebastião. O mesmo foi que pegar fogo ao rastilho de uma mina!



O capitão, que lia ás escuras nas cabalisticas prophecias da seita que professava, que para isso levava mal dormidas noites sobre o Bandarra, preto do Japão, e um certo livrinho que a voz publica attribue ao Beato Antonio, teimava, porfiava, e recalcitrava com toda a força dos seus pulmões, em que havia de tornar o Encoberto.

Já se vê que Gaspar Corrêa e Francisco Rebello, estavam em guerra aberta contra o credulo capitão. Em campos tão oppostos fôra renhida a lucta, e prometteria acabar com a vida dos combatentes, se uma luminosa idéa não viesse pôr termo a tão pertinaz certame. Se do reverendo, ou dos seus dois contendores dimanou tão ajuizado ou capcioso alvitre, não se sabe. O certo é que o capitão, inabalavel na crença sebastianista, da melhor vontade apostou 14$000 réis, que em acto continuo entregou aos dois antagonistas, debaixo da seguinte clausula: — «que logo que o dito senhor rei D. Sebastião voltasse a este reino de Portugal, e n'elle fosse tido, havido e reconhecido como tal (o que, dizia elle, havia de irremediavelmente succeder), Gaspar Corrêa e Francisco Rebello, ou seus successores, lhe pagariam a *si* e seus descendentes, a quantia de 2:000 cruzados em bom dinheiro de metal, etc.» Chamado em continente o tabellião Antonio de Carvalho, reduziu a escriptura publica, na propria casa do reverendo, a singular aposta, para lição de credulos e satisfação de avisados.

A referida escriptura encontra-se a f. 54 do liv. 2.° de notas privativas da santa casa da Misericordia da cidade do Porto. O dito instrumento, não nos diz comtudo a razão por que similhante aposta se lavrou na citada nota, aliás particular, e só privativa d'aquella grande casa de caridade.

Note agora o leitor as assignaturas das tres partes contratantes, que nós escrupulosamente copiámos do prenotado livro. Não é só, como diz Buffon, o estilo que revela o homem; algumas vezes tambem pela escripta de qualquer se avalia o individuo. Haja vista o modelo de calligraphia do bom sebastianista, e as assignaturas dos desempoeirados Francisco Rebello e Gaspar Corrêa, que para nós é ponto de fé, que de rixa velha e caso pensado, d'esta fórma, e não d'outra, assim zombaram da simpleza do pobre capitão, que pelo ser de espirito, segundo as sagradas letras, d'elle foi o reino do ceo.

C. Lagôa.

UM POR MIL

Sendo o reconhecimento do beneficio recebido moeda escaça e quasi excluida do cambio das nossos affeições, não será fóra de proposito levar á estampa um grande exemplo de reconhecimento e gratidão. É uma historia pequenina como quasi todas as historias verdadeiras. É de hontem, é portugueza, e escreve-se em duas linhas.

Um pobre rapazinho de uma das nossas provincias do norte, dos muitos que vem para o Porto, caíu gravemente enfermo. Só, abandonado de todos, foi recolhido n'uma casa de caridade, onde a Providencia, amiga invisivel dos desgraçados, velando-lhe o leito de dor, o arrancou das garras da morte.

Dias depois saíu da patria, foi para a America, e ahi accumula alguns capitaes á custa de muitas vigilias e muita fadiga. Passaram-se muitos annos. Sentindo finalmente que o sol da vida declinava já para o acaso, escreve estas singelas mas sentidas palavras: «Deixo á casa de... em remuneração do bem que recebido fui, e do desvelo com que na mesma fui tratado de uma grande febre, a quantia de 10:000$000 réis.»

Querem saber agora o nome do pobre rapazinho enfermo, recolhido pela Misericordia do Porto, no anno de 1805? É o de Antonio Joaquim Pereira Cruz. O tempo que durou a memoria do beneficio? Cincoenta e quatro annos!

Oxalá, que malevolos e ingratos, lendo estas linhas, aprendam a commemorar o nome do bemfeitor, que não sei eu quem os não conte na senda tortuosa e longa d'esta vida! Oxalá, que esta pagina sirva de lição para crianças!

C. Lagôa

N. B. N'alguns exemplares do n. 15 saíu por emendar o verso 22 do *Hymno* a pag. 118 que deve ser assim:

Seus cantos tremendos nos ares espalha.